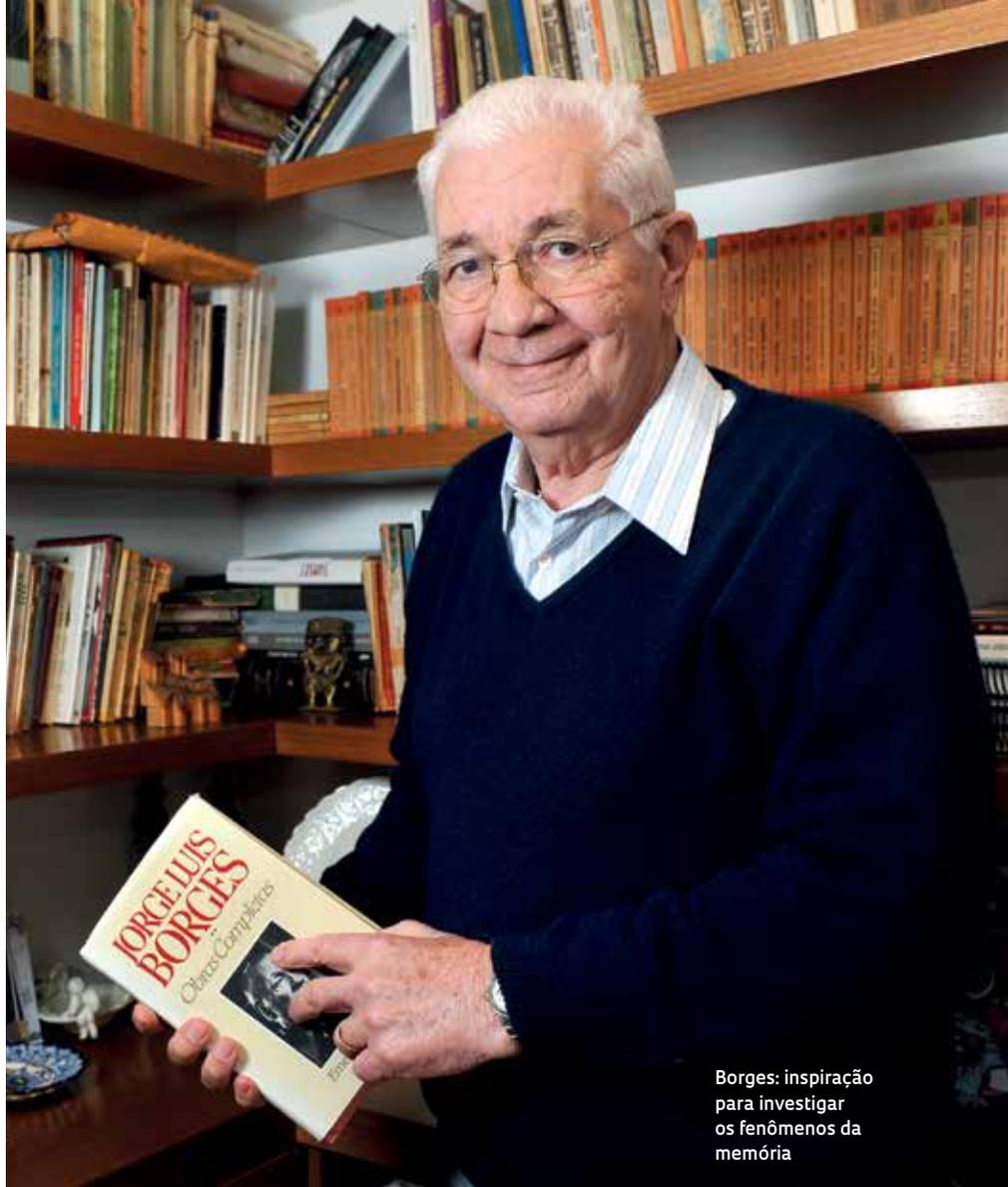


CRIADOR DE MEMÓRIAS

Nascido na Argentina, Iván Izquierdo ajudou a desvendar como o cérebro aprende e recupera as informações armazenadas e moldou gerações de pesquisadores brasileiros

Ricardo Zorzetto

No período em que foi professor na Escola Paulista de Medicina (EPM), em meados dos anos 1970, o neurocientista Iván Izquierdo mantinha afixado à porta de sua sala um cartaz escrito à mão: “Na dúvida, não entre”. Era uma indicação da seriedade com que encarava o ofício de pesquisador. “Os alunos podiam bater à porta e entrar para discutir questões sobre seus experimentos. No horário de trabalho, não tinha essa história de jogar conversa fora”, lembra o neurocientista Esper Cavalheiro, primeiro aluno de mestrado e de doutorado de Izquierdo na EPM, atual Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). A sisudez dos momentos de trabalho era quebrada nos intervalos para o cafezinho e em outros momentos de descontração, quando discorria apaixonadamente sobre música, literatura e esportes.



Borges: inspiração para investigar os fenômenos da memória

Então com 37 anos, Izquierdo havia chegado ali em 1975 e era um dos mais jovens professores titulares da universidade. Vindo de uma passagem rápida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), depois de chefiar laboratórios em Buenos Aires e em Córdoba, na Argentina, Izquierdo já havia construído uma importante rede internacional de colaboradores e ascendia na carreira, que o tornaria conhecido como um dos mais importantes estudiosos do funcionamento da memória. “Izquierdo mostrou para a neurociência brasileira que era possível estabelecer colaborações internacionais e conversar de igual para igual com os principais pesquisadores da área no mundo”, completa Cavalheiro, hoje professor emérito da Unifesp. “Ele ensinava seus alunos a pensar. Forjou nossa maneira de olhar a ciência, de identificar a pergunta fundamental no contexto da pesquisa e

escolher os instrumentos necessários para respondê-la.”

Filho de mãe croata e pai catalão, Iván Antonio Izquierdo nasceu em 1937 em Buenos Aires e cresceu em um período de efervescência cultural da capital argentina, à época uma das cidades mais cosmopolitas da América do Sul. Pelas mãos do pai, também cientista, e de um professor de espanhol, conheceu a obra do escritor argentino Jorge Luis Borges (1899-1986), que influenciaria seu interesse por estudar os mecanismos da memória. “Ele [Borges] levantou ou respondeu algumas das questões mais sérias sobre memória”, escreveu Izquierdo em um ensaio autobiográfico publicado em 2011 na obra *Neuroscience in autobiography*, editada pela Oxford University Press.

Izquierdo entrou na escola médica da Universidade de Buenos Aires em

1955, meses antes de Bernardo Houssay (1877-1971), prêmio Nobel de Fisiologia em 1947 pela descoberta da regulação do metabolismo da glicose pelo sistema nervoso central, ser reintegrado à instituição. Na universidade, conviveu com outros grandes nomes da ciência, como Luis Leloir (1906-1987), Nobel de Química em 1970 por identificar as vias metabólicas da lactose, Eduardo Braun Menéndez (1903-1959), descobridor de um sistema de controle da pressão arterial, e Eduardo De Robertis (1913-1988), que identificou estruturas celulares importantes para o metabolismo de medicamentos. Ao final do segundo ano da graduação, Izquierdo apresentou a Houssay uma proposta de pesquisa, que pôs em prática no ano seguinte. “Meu projeto se mostrou errado, mas eu havia mordido a maçã pela primeira vez e apreciado o sabor”, escreveria anos mais tarde. Por conselho de De Robertis, foi aprender neurofarmacologia com o pai, Juan Antonio Izquierdo, com quem fez a parte experimental de seu doutorado.

Durante o curso médico, Izquierdo passou duas temporadas de férias no Brasil, trabalhando no laboratório do neurofisiologista argentino Miguel Covian, na Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto. O país só começaria a entrar de modo definitivo em sua vida em 1962. Antes de partir para um estágio de pós-doutorado no laboratório do neuro-

cientista uruguaio José Pedro Segundo na Universidade da Califórnia em Los Angeles, Estados Unidos, Izquierdo viajou à região de Porto Alegre e conheceu Ivone de Moraes, com quem se casaria e teria dois filhos: Juan e Carlos Eduardo.

Terminado o estágio de dois anos, retornou como professor assistente à Universidade de Buenos Aires, que pagara seu período no exterior. Dois anos mais tarde, aceitou o convite para ser professor titular de farmacologia na Universidade Nacional de Córdoba, a segunda mais antiga das Américas, onde permaneceria até 1973, quando a situação política do país se tornou complicada demais por causa da ditadura militar.

Após uma ameaça anônima por telefone, Izquierdo decidiu deixar a Argentina. Com a ajuda de um aluno de doutorado brasileiro, Mario Tannhauser, obteve indicação para um posto na UFRGS, à época com pouca tradição em pesquisa. O que deveria ser uma parada antes do retorno aos Estados Unidos se alongou. Em 1975, assumiu uma posição mais interessante na EPM, onde o ambiente de pesquisa era mais vigoroso e atraente. “Izquierdo foi meu professor na graduação e, em grande medida, me inspirou e formou muitas gerações de neurocientistas”, afirma Luiz Eugênio Mello, diretor científico da FAPESP e também neurocientista.

Em 1977, Tuiskon Dick, então diretor do centro de Biociências da UFRGS, cumpriu uma promessa feita anos antes e montou na universidade um laboratório com condições adequadas para que Izquierdo retornasse. Dick não aceitara a demissão de Izquierdo e lhe havia concedido uma licença por tempo indeterminado. A volta a Porto Alegre foi definitiva. Izquierdo permaneceu na UFRGS até sua aposentadoria em 2003 e depois migrou para a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), onde ajudou a criar e dirigir o Instituto do Cérebro. “Fui um neurocientista argentino durante a primeira metade da minha vida e um neurocientista brasileiro na segunda metade. Legalmente, tenho as duas nacionalidades, o que me deixa feliz por ter conseguido instalar nos dois países centros de pesquisa em memória e bons centros de neurociências”, escreveu em 2011.

Teve uma carreira prolífica. Publicou mais de 600 artigos científicos, citados ao menos 25,7 mil vezes por outros grupos. Seus trabalhos ajudaram a desvendar os mecanismos bioquímicos que o cérebro usa para registrar e reter informações novas e também para resgatá-las, modificá-las e até se desfazer delas. Ele também demonstrou que as memórias de curta duração e de longa duração são independentes, formadas por processos que ocorrem em paralelo. “Seus trabalhos sobre extinção da memória têm uma aplicação potencial importante no tratamento de estresse pós-traumático”, conta o bioquímico Sergio Ferreira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que estuda doenças neurodegenerativas.

“Ele foi realmente um pioneiro e uma voz de clareza em um campo de estudo às vezes confuso e controverso”, afirma o neurocientista Mark Bear, pesquisador do Instituto Picower de Aprendizado e Memória do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). “Seu trabalho guiou alguns de nossos experimentos-chave, e sempre replicamos o que ele descobriu. Esse é um dos maiores elogios que posso oferecer.”

Izquierdo orientou 50 dissertações de mestrado e 62 teses de doutorado, além de ter escrito livros técnicos, de divulgação científica e de literatura. Recebeu mais de 140 prêmios e títulos e foi membro da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos. “Iván era uma figura muito querida. Fez muito pela ciência brasileira, pela dimensão mundial que sua contribuição científica atingiu”, afirma o neurocientista Roberto Lent, da UFRJ, e coordenador do Instituto Nacional de Neurociência Translacional, do qual Izquierdo participou até recentemente.

Iván Izquierdo morreu aos 83 anos em sua casa, em Porto Alegre, no dia 9 de fevereiro, em decorrência de uma pneumonia bacteriana. Tinha sinais leves de Parkinson e fazia algumas semanas que havia se recuperado de um quadro grave de Covid-19. Deixa a mulher, dois filhos e quatro netos. Frustrado por não ter conseguido se dedicar ao violão clássico, deliciava-se quando era acordado em algumas noites por seu neto Felipe tocando músicas de Johann Sebastian Bach, Ferdinando Sor ou Francisco Tárrega. “É o mais perto do céu que se pode chegar ainda em vida”, deixou registrado. ■



Izquierdo em seu laboratório no Instituto do Cérebro que ajudou a criar na PUC-RS